

TEOLINDA GERSÃO, CONTADORA DE HISTÓRIAS

Orivaldo Rocha da Silva (Universidade Presbiteriana Mackenzie)¹

Resumo: O propósito deste estudo é destacar a mudança de rumo observada na produção de Teolinda Gersão, autora portuguesa contemporânea. Tal mudança tem como marco a obra *A Casa da Cabeça de Cavalo* (1995), cronologicamente, a quinta incursão da autora ao gênero romance. A partir desta obra, então, é possível considerar que a autora assume certa vocação de *contadora de histórias*, o que se reflete em um trabalho de escrita que passa a priorizar, sobretudo, o gênero da narrativa curta. Para ilustrar tal vocação que estamos associando a Teolinda, serão tecidos breves comentários analíticos que tiveram por base o conto *A Velha*, do livro *Histórias de ver e andar* (2002).

Palavras-chave: histórias; leveza; Teolinda Gersão

Em memória de M., infatigável contador de histórias

Os anos seguintes à revolução de 1974 coincidem com um período produtivo na produção romanesca portuguesa com o surgimento de uma inspiradíssima leva de novas obras. Tal fenômeno pode auxiliar no entendimento do predomínio das formas em prosa versus as formas em poesia no que se refere à preferência do público leitor. Se a poesia, por desvencilhar-se da censura, fora importante para a formação de um pensamento revolucionário, a prosa, após a abertura, pode voltar à cena para articular, pela narrativa, a compreensão de toda uma época. Seguramente, um acontecimento da relevância de uma revolução pode exercer a função de elemento motivador para as diversas áreas de atuação humana, influenciando, marcadamente, a produção artística e, mais especificamente, a literatura. Nos termos de Eduardo Lourenço, “fracassadas ou vitoriosas, as revoluções são grandes consumidoras de imaginário activo” (*Literatura e Revolução*. In: *Colóquio/Letras* (78), Lisboa: mar 1984. p. 7-16).

Nesse contexto, a escritora portuguesa contemporânea Teolinda Gersão, em seu primeiro romance *O Silêncio* (1981) foi logo reconhecida pela crítica e agraciada com o Prêmio de Ficção do Pen Clube, distinção que voltaria a ser concedida a outro romance seu de 1989, *O Cavalo de Sol*. Naquela obra de estréia, a autora já trabalhara com certos temas

¹ Doutorando em Letras na Universidade Presbiteriana MACKENZIE (UPM) – SP – Brasil, Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). *Email:* orocha@uol.com.br.

que serão revisitados, de uma forma ou de outra, nos demais romances: a casa, a mulher e a linguagem (a escrita). Outra temática, talvez menos perceptível do que as citadas, é a da História, ou a de uma particular concepção de História, uma vez que Teolinda reserva apreço maior às histórias pessoais em combinação e entretecidas com os dados factuais coletivos, numa espécie de negação da própria perspectiva histórica tomada isoladamente.

Coerente com isso, a questão da crise da linguagem é como que uma marca dos universos narrativos de Teolinda em seus dois primeiros trabalhos, *O Silêncio* (1981) e *Paisagem com mulher e mar ao fundo* (1982) que apresentam também aspectos de experimentação lingüística potencializados em *Os guarda-chuvas cintilantes* (1984), obra identificada pela autora como “diário” na própria folha de rosto, mas que em verdade não permite ao leitor classificá-la tão facilmente assim, por conta de sua complexa heterogeneidade.

A respeito de *O Cavalo de Sol* (1989) é possível observar uma preocupação por imprimir, à sua estrutura, uma menor fragmentação e, conseqüentemente, uma mais acentuada linearidade, em comparação ao que se tem nas três obras anteriores.

A Casa da Cabeça de Cavalo (1995) foi a quinta incursão de Teolinda Gersão ao romance, sem considerar sua produção de literatura infantil. De imediato, o que difere nesta obra em relação aos romances anteriores da autora é a sua organização: a leitura de seu índice apresenta uma divisão em 24 capítulos, devidamente titulados. O que se encontra nos dois primeiros romances – *O Silêncio* (1981) e *Paisagem com mulher e mar ao fundo* (1982) – é uma divisão por blocos numerados e, em *Os guarda-chuvas cintilantes* (1984), como é próprio do gênero “diário”, os fragmentos são encimados unicamente pelo dia da semana e do mês. Apenas em *O cavalo de sol* (1989) é que as suas quatro partes são identificadas, assim mesmo não se prestando a revelar maior detalhamento. Sem grandes aprofundamentos, então, parece viável considerar que a obra de 1995 apresenta uma estrutura narrativa seriada e que guarda semelhanças, por exemplo, com o gênero dos chamados *romances de folhetim*. Senão, vejamos.

Conforme mais acima já destacamos, de modo diverso ao que se observa na produção anterior da autora, temos, do ponto de vista da estrutura do romance, a

delimitação de 24 capítulos, devidamente titulados, e que proporcionam à leitura um efeito marcante de continuidade, servindo o final de um segmento para deixar em suspenso a matéria narrada, para retomá-la no segmento seguinte. A própria titulação de alguns dos capítulos reforça tal procedimento seriado, como é possível avaliar na leitura dos títulos dos capítulos 6 e 7: “6 – Chegada inesperada de um francês”; “7 – Onde se repete, para a ver melhor, a chegada do francês”. Tal artifício utilizado na titulação dos capítulos, então, parece estar em sintonia com o conceito do *feuilleton* francês que dá conta de “[...] um espaço regular inferior das páginas de jornais, preenchido sobretudo por longos romances publicados como séries”².

Cumprindo ainda destacar que em *A Casa da Cabeça de Cavalo*, a aparente estrutura associada ao folhetim cumpre igualmente a relevante função de servir de suporte dos mais adequados para o acolhimento das diferentes versões propostas para uma mesma narrativa, o que se atesta nos capítulos 6 e 7 mais acima aludidos, cujo segmento coesivo é assim enunciado: “É talvez o momento de contar outra vez a história, disse Inácio” (GERSÃO, 1995, p. 67). Nessa nova versão para algo que acabara de ser contado no segmento anterior, temos a história da chegada de um estrangeiro – um francês – à Vila. Esse estrangeiro, de modo absolutamente inesperado, se casará com a filha mais velha da *Casa*, Maria do Lado. Não é fortuito, portanto, que o anúncio da chegada do estrangeiro aconteça no fim do capítulo 5, o que reforça uma vez mais o aspecto de folhetim de que se veste o romance.³

O capítulo 7 da obra retoma e amplia a matéria narrada, introduzindo Filipe, o francês, o futuro marido da filha mais velha da *Casa*, Maria do Lado. A vertiginosa proliferação de histórias (uma das marcas mais fortes deste romance) vai inserindo, sem maiores detalhamentos, personagens que em muitos momentos são descritos brevemente ou nem isso, sendo postos apenas na ordem do que é narrado e funcionam, para o leitor, como

² CEIA, Carlos: s.v. Folhetim. In: *E-Dicionário de Termos Literários* (EDTL). Coord. De Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em :<http://www.edtl.com.pt>, Acesso em: 12 jan 2014.

³ No que tange à estrutura encaixada e aberta, cumpre esclarecer, no entanto, que o aspecto folhetinesco não é característico do romance, mas da novela, sua antecessora formal. Segundo Massaud Moisés (“A criação literária”, 1977, pág. 156), no decurso do século XIX, proliferaram as intermináveis novelas de folhetins, que eram estampadas semanalmente nos jornais e depois reunidas em volume. Algumas vezes, a garantia de acolhimento por parte dos leitores, e sobretudo das leitoras, fazia que as editoras lançassem as novelas diretamente em livro, em vez de fragmentá-las em capítulos semanais ou quinzenais.

elementos de composição a tornar um pouco mais complexa a amarração efetiva das histórias.

Importa, nesse ponto, como já o fizemos (SILVA, 2015, p. 20) lançar a hipótese de que o ato de contar as histórias é, de fato, o que há de relevante para o que denominamos como *concerto de múltiplas vozes* que se presta a narrar e a ser interrompido, e de novo retomar a palavra e recontar o que já fora narrado antes, e acrescentar um ponto novo mais adiante, ainda que seja apenas por invenção.

Podia ser assim, disse Januário: Ele ia contando, mas cada um podia interromper quando quisesse. Pegava na palavra, e prosseguia. Era um bom treino da memória, concordou Horária, que chegara entretanto da cozinha. [...] E não tinha importância se em algum momento inventasse. Não tinha importância se aqui e ali inventassem, disse Inácio. Mas só se não se lembrassem de outros dados. Porque o interesse das histórias era avivar a memória, mantê-las na cabeça, [...] (GERSÃO, 1995, p.58-59)

Partindo, portanto, das breves considerações acima elencadas, o propósito deste estudo é o de destacar a mudança de rumo observada na produção de Teolinda Gersão, mudança essa que tem como marco justamente a obra *A Casa da Cabeça de Cavalo* (1995). A partir desta obra, então, é possível considerar que a autora assume claramente certa vocação de *contadora de histórias*, o que se reflete em um trabalho de escrita posterior que prioriza, sobretudo, o gênero da narrativa curta.

Com o intuito de ilustrar tal vocação que estamos associando a Teolinda, também serão tecidos alguns comentários analíticos que tiveram por objeto o conto *A Velha*, parte integrante de seu livro de 2002, *Histórias de ver e andar*.

Iniciemos pelo texto da contracapa do livro de 2002:

Histórias de ver e andar foi o nome dado pelos árabes às narrativas de viagem, épocas de descobrir mundos. Mas não é necessário ir longe para mudar de horizonte: o desconhecido mora ao lado, e também dentro da nossa porta. Reconhecê-lo – ou não – depende do modo de ver. E do modo de andar. (GERSÃO, 2002)

Já na obra de 1995, a epígrafe eleita (e reproduzida também como epígrafe deste trabalho) presta honras a certo “M.”, *infatigável contador de histórias*. Uma das virtudes daquele que se propõe a contar histórias, com base no texto da contracapa acima aludido, pode ser considerada como a de proporcionar a descoberta de novas paragens, de permitir o acesso a universos ou horizontes que terão a capacidade de impressionar nossa sensibilidade por meio do recurso da novidade, do frescor, que podem estar a fazer morada não apenas em lugares distantes, mas também muito próximos a nós: bem ao lado de nossas portas ou dentro dos nossos espaços.

É assim que um universo aparentemente desprovido de interesse imediato passa a ser objeto de descoberta e encantamento quando o leitor percorre os parágrafos e alcança o final da prosaica narrativa *A Velha*, a sexta narrativa do livro de contos *Histórias de ver e andar*.

A afirmação que abre a narrativa apenas dá conta do estado de felicidade (ou melhor, de extrema felicidade) de uma velha. Nada lhe faltava e isso não deixava dúvidas de que desfrutava de uma boa vida. Ocorre que os componentes dessa *boa vida* são, para se dizer o mínimo, singelos ao extremo, desprovidos de materialidade, de concretude, de peso: o encontrar de um lugar vago num banco de jardim a meio termo entre o sol e a sombra; o eléctrico no qual embarcara e que não estava demasiadamente cheio; o cumprimento matutino tão carregado de simpatia a ela dirigido pelo padeiro; o ato do empregado da mercearia de conversar acerca de nova marca de café... É possível considerar, então, que para alcançar uma boa vida, segundo os parâmetros da velha, bastava a acumulação de componentes associados à simplicidade, à *leveza*.

Se pensarmos, pois, que a protagonista inominada dessa narrativa é identificada pura e tão somente como a *velha*, poderemos, talvez, avaliar que a questão do tempo e da passagem do tempo parece ser aspecto relevante para alguém que deve estar a colecionar perdas: a da presença dos filhos e dos netos, a da visão perfeita, a da saúde, a da existência dos amigos e a da sua própria, já que se trata de uma pessoa com idade avançada:

Escrevia de vez em quando aos filhos e aos netos, mas poucas vezes, porque percebera que eles não tinham tempo de ler as cartas. [...] Claro

que muitas coisas ela tinha perdido com os anos, em parte os olhos e muita da saúde. Mas sobretudo pessoas. O Jacinto, antes de mais, e depois praticamente todos os amigos, e a família da sua geração. Durante anos afligira-se, de cada vez que riscava mais um telefone na agenda e via os nomes diminuírem a passos largos. Até que finalmente só restara ela. (GERSÃO, 2002, p.78-79)

Em outros termos: o horizonte próximo da morte é parte integrante do desfecho da protagonista nesta narrativa de Teolinda Gersão. A velhice, a solidão, as perdas, a extinção. Em lugar de leveza, como mais atrás aludimos, poderíamos ser levados a pensar numa história povoada de indícios que emprestariam à matéria narrada certo tom mais que melancólico, carregado de peso, de concretude, ainda que expresso por meio do prosaísmo de uma narrativa aparentemente desprovida de interesse imediato justamente pela singeleza do que se propõe a narrar.

Nesse ponto, parece oportuno convocar Italo Calvino e suas *lições americanas* (estamos nos referindo, é claro, à obra *Seis propostas para o próximo milênio*), uma vez que estamos a tratar, ainda que sumariamente, de um dos cinco valores literários por ele eleitos e que mereceriam ser levados para o então século XXI que se avizinhava: a *leveza*.

Nos termos de Calvino:

[...] no mais das vezes, minha intervenção se traduziu por uma subtração do peso; esforcei-me por retirar peso, ora às figuras humanas, ora aos corpos celestes, ora às cidades; esforcei-me sobretudo por retirar peso à estrutura da narrativa e à linguagem. (CALVINO, 1990, p. 17)

Em certo sentido, a produção mais recente de Teolinda Gersão parece estar a realizar um trabalho similar ao proposto por Calvino: ao despir o tecido narrativo de sua concretude, de seu peso, Teolinda tece histórias singelas, carregadas de leveza. *Histórias de ver e andar*; histórias de *prantos, amores e outros desvarios*. Histórias de vidas.

Teolinda Gersão, contadora de histórias.

Referências bibliográficas

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio – lições americanas*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GERSÃO, Teolinda. *A Casa da Cabeça de Cavalo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

_____. A Velha. In: *Histórias de ver e andar*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002. p. 71-83.

SILVA, Orivaldo Rocha da. *Isto e aquilo: o jogo das histórias em A Casa da Cabeça de Cavalo, de Teolinda Gersão*. 148p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 2015.